

» JÁDER REZENDE

Durante a pandemia, milhares de mulheres perderam o emprego e descobriram que os desafios de ser mãe e trabalhadora nunca foram tão evidentes. Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revela que a taxa de desemprego feminina em 2021 foi 16,45% superior à dos homens, resultando na marca de 7,5 milhões de mulheres que permanecem fora do mercado no país.

Mãe de Lucas, de 5 anos, e Laura, de 10 meses, a psicóloga Marcella Moura, sócia da Acerta, consultoria de RH especializada em gestão de pessoas, afirma que são incontáveis os benefícios de contratar, reter e investir em mães. Segundo ela, as habilidades que são exigidas de mulheres com filhos se adequam ao que o mercado de trabalho procura.

“Super mulheres estão nos filmes. Nós somos heroínas por fazermos tudo que fazemos, dentro do que nós mesmos decidimos ser o suficiente. Por isso, respeitamos nosso tempo e organizamos nossa rotina, sem medo de pedir ajuda. Tem muita gente que nos admira como mãe e como profissional. E é exatamente por sermos quem somos e por quem nos tornamos: mães cuidadoras e profissionais dedicadas”, afirma.

Contudo, ela admite que ainda há resistência na absorção de mão de obra feminina, sobretudo levando-se em conta a ideia de que elas podem não render o esperado, em função das frequentes demandas dos filhos. “O homem, quando tem filhos, é visto como provedor e responsável. Já em relação à mulher, existe a preocupação da falta de disponibilidade para o trabalho”, diz, observando que o comportamento inerente às mães não deve ser encarado como ameaça à produtividade e, sim, uma preocupação com o tempo. “Quando a criança ficar doente, quem vai cuidar? A nossa cultura ainda entende que isso é um problema 100% da mãe”, exemplifica.

“Mãe pode ficar doente? Sim, ela pode faltar. Por isso, é importante saber delegar e entender que nem sempre o outro vai fazer algo do jeito que gostaríamos, mas tudo bem. Agora, se pensarmos no perfil comportamental da mãe, não faz sentido,

porque são competências extremamente importantes no mercado de trabalho”, analisa, completando que mães são multitarefas, pensam em cada detalhe e sua produtividade é maior, mesmo com a responsabilidade materna.

Além disso, prossegue a especialista, a responsabilidade da criação dos filhos tem que ser de ambos os pais e que não devemos julgar ser apenas da mãe. “É claramente um preconceito de acharmos que essa responsabilidade é só da mãe”, diz.

Os prejuízos acarretados por esse tipo de mentalidade, segundo ela, vão além da cultura da empresa. “Perdem na diversidade, na produtividade operacional e na visão estratégica. Mães são altamente produtivas e contribuem para um ambiente mais promissor”, avalia.

Lembrando que um bom funcionário tem habilidades técnicas e também comportamentais, e que as técnicas são fáceis de provar, diferentemente das habilidades comportamentais, Marcella Moura pondera que as mães estão aptas a dar bons exemplos de gestão do tempo, negociação, trabalhar com prazos curtos e gestão emocional, dentre outras atribuições. “Mulheres mães podem desempenhar qualquer papel, contanto que elas tenham uma rede de apoio e uma expectativa alinhada. O que acontece muito é a culpa de estar no trabalho. Culpa nossa mesma e da sociedade”, ressalta.

O fato de muitas mães optarem por ficar com os filhos e adiar a vida profissional por falta de creche ou por não ter com quem deixá-los, pode ser equacionado com a criação de uma rede de apoio. “Essa rede para a volta profissional é o principal ponto. O custo de uma creche integral inviabiliza o retorno de muitas dessas mães que buscam empreender em casa ou um trabalho mais flexível”, afirma, reiterando que essa tem que ser uma questão para ambos os sexos e não uma responsabilidade apenas materna.

“É extremamente importante fomentar este tema, debater nossa cultura machista. Essa rede de apoio pode ser viabilizada com a definição de locais e pessoas de confiança para contar e, principalmente, nos livrarmos da culpa que carregamos, a de querer ser perfeita em tudo”, conclui.



Mulheres mães podem desempenhar qualquer papel, contanto que elas tenham uma rede de apoio e uma expectativa alinhada. O que acontece muito é a culpa de estar no trabalho. Culpa nossa mesma e da sociedade”

Marcella Moura, mãe de Lucas e Laura

Planejar é preciso

- O equilíbrio entre a vida profissional e doméstica também pode ser solucionado, afirma a psicóloga Marcella Moura. Para que isso ocorra, destaca, é imperativo organizar o tempo, lançar mão de um bom planejamento e, principalmente, não extrapolar as expectativas.
- “Talvez você não corra mais 5 km, mas caminhe 2 km. Talvez não tenha comida fresca todo dia e tudo bem. Talvez você não tenha a casa tão arrumada. Talvez você não tenha tudo do seu jeito, mas está tudo bem”, ensina.
- Sobre a culpa que algumas mães sentem quando voltam para o trabalho, ela traz à tona a simples reflexão: “Não é fácil, muitas vezes mais difícil para nós do que para eles, mas, com certeza, nossos filhos sentirão orgulho de nós, que trabalhamos por nós e por eles”.
- Ela mesma admite que sua vida precisa de muita gestão e parceria. “Tenho a minha rede de apoio, que são pessoas maravilhosas com quem posso contar. Sem elas, não consigo trabalhar e cuidar de tudo. É importante montar uma rotina. Criança precisa de rotina e planejamento. Saber pedir ajuda, saber delegar e esperar o tempo do outro”, diz.
- “É sempre correria e precisamos lidar com imprevistos o tempo inteiro em casa e no trabalho. Por isso, é super importante ter um momento para se cuidar, como fazer exercícios, unha, cabelo, ler, e até mesmo não fazer nada. Mesmo que menos do que gostaríamos, aos poucos, vamos ajustando. E entendermos que são fases, que vamos sentir falta de quando nossos filhos são pequenos e vamos dar o melhor de nós em cada momento, tanto na vida profissional quanto na pessoal”, conclui.
- A situação nada confortável das mães trabalhadoras também é refletida nos dados nada animadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o principal provedor de informações geográficas e estatísticas do país, apenas 54,6% das mulheres com filhos pequenos têm emprego. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), são nada menos que 7,5 milhões de mulheres fora do mercado no país.
- Em contrapartida, a presença feminina no mercado de trabalho no mundo registrou aumento nos últimos anos. Porém, de acordo com o relatório Global Gender Gap Report 2020, ainda faltam cerca de 100 anos para reverter esse atraso. Atualmente, as mulheres representam 38,8% da força de trabalho global, contra 61,2% dos homens. No Brasil, essa proporção é de 43% de mulheres e 57% de homens, de acordo com dados atualizados do IBGE.
- Estudos publicados pela Universidade de Stanford mostram que empresas que comprovam mais presença de mulheres assumindo postos de trabalho tiveram sua marca e suas ações nas Bolsas valorizadas.
- O assunto também foi tema de pesquisa realizada pelo LinkedIn em fevereiro deste ano, revelando que 44% das mulheres nunca pediram aumento ou negociaram uma promoção, mesmo tendo certeza do seu merecimento.
- “Isso tem relação direta com a estrutura social machista em que vivemos, na qual as mulheres são perguntadas se têm filhos ou têm vontade de ter filhos nos processos seletivos. Em geral, elas são subestimadas e recebem maus olhados durante a gravidez e chegam a ser demitidas sem justa causa logo após a conclusão da licença maternidade”, diz Ana Paula Prado Country Manager do InfoJobs.
- Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que o índice de empregabilidade de mulheres sem filhos é de 67,2%, mas ainda inferior ao dos homens na mesma situação (83,4%). Além disso, menos da metade das mulheres negras (49,7%) conseguem um emprego com crianças menores de 3 anos, enquanto o percentual entre as mulheres brancas é de 62,6%. As negras sem filhos (63%) também têm mais dificuldade de entrar no mercado em comparação às brancas (72,8%).